



**ANÁLISE**  
POR  
NILTON  
BONDER

## ÚTERO E O OUTRO

Nada humano é mais metafórico que o útero. Em baixa desde a revolução de costumes dos anos 1960 e também por conta da explosão demográfica e da questão social do aborto, o útero se tornou desprestigiado, conservador e até um transtorno. Útero é a Métra, grego derivado do indo-europeu mater, a mãe, a fonte e origem de toda vida. Um órgão com design e função de formar um novo ser dentro de um ser. Um órgão com a misteriosa chave capaz de descortinar sentido e propósito.

É, portanto, um órgão umbilical com o projeto da vida já que é uma peça do corpo que não atende a si próprio; um elemento implantado em si para servir a um futuro corpo estranho e exterior ao seu. Seu prodígio maior é convencer o resto do organismo a não tratar o hospedado como um antagonista competidor e, mais incrível ainda, acolhê-lo organicamente. Repartir nutrientes, desconjuntar a anatomia para abrir espaço e atrelar sua programação sistêmica para servir por nove meses é transcendente. Daí, com certeza, a hospitalidade feminina.

A propriedade do útero de alterar o sistema imunológico para não tratar o novo corpo como



um vírus afeta o alicerce básico da vida de autoproteção. Vírus deriva do latim “veneno”, coisa ruim, que é organicamente atrelado ao “outro”. A entrada de um material genético estranho inicia uma batalha para que o outro não se aposse do corpo e o próprio estado de doença é uma metáfora de que nos tornamos um outro a nós mesmos. Seja qual for o hormônio ou enzima capaz de catalisar esse processo uterino, estamos necessitando, urgentemente, que seja sintetizado e aplicado à sociedade.

O processo eleitoral, refletindo a tendência mundial, instaurou uma hipersensibilidade a qualquer dissensão ou diferença, tratando-as como uma ameaça de um outro antagônico. O outro para além de violento se tornou virulento – um outro desejoso e capaz de nos despersonalizar e exterminar. Precisamos de líderes mulheres, de participação feminina em todas as áreas da vida e da sociedade para que o elixir uterino possa irrigar e orvalhar os nossos tempos. Por trás das políticas e das insustentabilidades, estão o alongamento e a indiferença ao útero. Único órgão capaz de nos tirar do ensimesmado e dar espaço ao outro e ao futuro.

Nilton Bonder é rabino, escritor, dramaturgo e acadêmico da ACL

Ilustração: Paula Coelho